

# ***A INTROSPECÇÃO COMO MÉTODO DE ESTUDO NA PSICOLOGIA TOMISTA***

## ***LA INTROSPECCIÓN COMO MÉTODO DE ESTUDIO EN LA PSICOLOGÍA TOMISTA***

***Lamartine de Hollanda Cavalcanti Neto***

Médico psiquiatra, professor de Psicologia no Instituto Filosófico Aristotélico Tomista – IFAT (São Paulo, Brasil).

### ***Resumo***

O presente artigo tem por objetivo apresentar uma contribuição da Psicologia Tomista à metodologia psicológica. Para isso, depois de recapitular o enfoque tomista sobre os tipos de conhecimento, sua consequente proposta de divisão da Psicologia Geral, e o conceito de Psicologia Tomista dele decorrente, analisa o “direito de cidadania” desta no mundo acadêmico. Apresenta, em seguida, a metodologia tomista no estudo da Psicologia, como ela enfrenta e soluciona o problema da acessibilidade do seu objeto, seu caráter científico, as refutações que propõe às objeções criteriológicas, e as perspectivas que o referido enfoque abre para novas investigações nessa área do conhecimento humano.

Palavras chave: Metodologia psicológica; introspecção; Psicologia Tomista.

Key words: Psychological methodology; introspection; Thomistic Psychology.

### ***Resumen***

El presente artículo tiene por fin presentar una contribución de la Psicología Tomista a la metodología psicológica. Para eso, después de recapitular el enfoque tomista sobre los tipos de conocimiento, su consecuente propuesta de división de la Psicología General, y el concepto de Psicología Tomista que de él proviene, analiza el “derecho de ciudadanía” de esta en el mundo académico. Presenta, a continuación, la metodología tomista en el estudio de la Psicología, cómo ella enfrenta y soluciona el problema de la accesibilidad a su objeto, su carácter científico, las contestaciones que propone a las objeciones criteriológicas, y las perspectivas que dicho enfoque abre para nuevas investigaciones en esa área del conocimiento humano.

Palabras claves: Metodología psicológica; introspección; Psicología Tomista.

## **Importância da metodologia no enfoque tomista**

Embora o conceito atual de Metodologia, como estudo dos métodos adotáveis para obter o conhecimento de uma determinada ciência, pudesse não existir na Idade Média, São Tomás já preconizava que se “deve conhecer o método de uma ciência antes de estudá-la” (E.B.T., q. 6, a. 1, ob. à seg. parte, r. 3, apud BRENNAN, 1969b, p. 41). Em consonância com essa afirmação, o psicólogo tomista canadense Robert E. Brennan (1969b, p. 40-41) assevera que: “a primeira preocupação que deve ter um estudante de Psicologia, aqui como em qualquer outro caso, é conhecer o método da matéria particular que vai estudar”.

## **Tipos de conhecimento**

Para compreendermos melhor o enfoque metodológico tomista, convém antes tomar como pressuposto o modo pelo qual ele classifica os tipos de conhecimento. Alguns destes se buscam pelo afã de saber: são os especulativos. Outros se adquirem com o fim de atuar: são os práticos. Com base nisso, Brennan (1969b) adota o conceito de Filosofia como ciência do conhecimento especulativo, e o de Ciência como o conhecimento de tipo experimental e prático.

Quanto aos seus objetos formais (fins), podemos observar que a Ciência se interessa mais pelos acidentes, no sentido filosófico do termo, enquanto que a Filosofia pela essência. Podemos dizer também que a Ciência se interessa pela(s) causa(s) que precede(m) mais imediatamente a qualquer efeito considerado, enquanto que a Filosofia está disposta a descobrir até a última de uma série de causas ou a razão final de qualquer efeito.

Ambas têm o mesmo objeto material: o conhecimento do universo em geral. Mas diferem quanto ao objeto formal: a Ciência visa aos seus acidentes, suas propriedades, a “periferia” do objeto, ou seja, seus aspectos chamados de fenomenológicos por certas correntes. A Filosofia, por sua vez, visa à substância, natureza ou aspectos ontológicos do objeto a ser estudado.

Como conseqüência, quanto ao método de estudo (meios), a Filosofia baseia-se mais na simples observação, utilizando os sentidos e o raciocínio para aproveitar e analisar os dados dela decorrentes, enquanto a Ciência lança mão de instrumentos que lhe permitem ampliar ou modificar a capacidade de observação, incluindo o chamado método experimental.

Este possibilita criar condições para desenvolver e aprimorar as observações, de modo a poder repeti-las quando se considerar necessário, comprovar o resultado de suas predições, e empregar o raciocínio para processar suas informações.

Dependendo do objeto estudado, portanto, o enfoque mais adequado será ora o filosófico, ora o científico, ora o uso complementar de ambos.

### **Proposta tomista de divisão da Psicologia Geral**

Existem várias correntes e opiniões quanto às divisões da Psicologia Geral. Conforme Brennan (1969b), os que se baseiam na escola aristotélico-tomista dividem-na em dois grandes grupos: Psicologia Filosófica e Científica. Ambas têm o mesmo objeto material: o homem. Elas o estudam como uma criatura estruturada materialmente, sujeita às mesmas leis de tempo, espaço e movimento que atuam sobre o resto das criaturas materiais.

Diferem, entretanto, quanto ao objeto formal (fins) e método de estudo. O da Psicologia Filosófica é estudar o homem (enquanto ser hilemórfico, ou seja, dotado de alma unida ao corpo) em sua natureza ou essência, e as leis que ordenam seu ser. Em tese se poderia estudar também a alma enquanto separada do corpo, mas isto seria mais propriamente objeto de estudo da Metafísica. Por sua vez, o objeto formal da Psicologia Científica é estudar o homem, ser hilemórfico, em seus acidentes, propriedades e leis que regulam a sua conduta, o seu comportamento.

Quanto ao método, como regra geral, o da Psicologia Filosófica é o dedutivo, baseando-se nos dados da inteligência, dos sentidos e da introspecção para deduzir suas conclusões. E o da Científica é o método indutivo, apoiando-se nas informações provenientes da observação aprimorada pelo instrumental científico, aliados aos dados da experimentação, que induzem às conclusões.

Sem embargo, o cientista também usa o método dedutivo quando trata de idear suas leis gerais, especialmente quando lança mão da observação e da introspecção, e o filósofo usa o indutivo quando parte dos fatos observados, dados científicos ou de raciocínios prévios para chegar às suas conclusões.

## **Conceitos de Psicologia Filosófica e Científica**

Baseando-nos na definição de Psicologia Geral adotada por Brennan (1969b) podemos dizer que a Psicologia Filosófica é o estudo do homem (enquanto ser dotado de alma e corpo) em sua essência ou substância, e que a Psicologia Científica é o estudo do homem em seu comportamento (atos) e propriedades.

O Aquinate ensina que um corpo doutrinário está subordinado a outro quando este último é capaz de dar-nos a razão última daquilo de que trata o primeiro (AQUINO, E. B. T., q. 5, a. 1, r. a. obj. 5, apud BRENNAN, 1969b). Portanto, segundo a concepção tomista, a Psicologia Científica pode recorrer à Filosófica para aprofundar suas conclusões empíricas na busca da compreensão das razões pelas quais o homem é o que é, e age como age.

## **Conceito de Psicologia Tomista**

Diante acima exposto, e para melhor clareza de conceitos, convém explicitar o que entendemos por Psicologia Tomista, com base em Brennan (1960), antes de analisarmos a metodologia que ela emprega.

A obra de São Tomás é vastíssima, abarcando inúmeros temas atinentes à Teologia, à Moral, à Liturgia, à Filosofia, à Política, entre outros. Estando a Psicologia relacionada direta ou indiretamente a quase todos esses temas, ele não poderia deixar de abordá-la. Como o fez?

Brennan (1969b) destaca que, curiosamente, nem ele, nem Aristóteles, empregaram o termo “psicologia”, mesmo porque essa palavra não existia em suas respectivas épocas. Braghirolli et al. (2005), por exemplo, atribuem sua adoção a Philip Melanchthon (1497-1560), e sua difusão a Christian Von Wolff (1679-1754).

Contudo, em diversos trechos das inúmeras obras do Doutor Angélico, o assunto da alma humana e seu funcionamento vem à tona. Baseando-se nas Sagradas Escrituras, em Santo Agostinho, Boécio, Aristóteles e outros autores, ele edificou um impressionante corpo doutrinário sobre o tema.

Desse modo, embora não seja fácil dar uma definição concisa do que chamamos de Psicologia Tomista, podemos entendê-la como sendo o estudo do homem em seus atos,

propriedades e essência, segundo a cosmovisão de São Tomás de Aquino.

Os atos humanos podem ser entendidos como o comportamento, objeto unanimemente aceito para a ciência em questão. Coerente, entretanto, com o enfoque filosófico, a Psicologia Tomista interessa-se também pelas propriedades e até pela essência daquele ser que se manifesta através de seus atos.. E aporta ricos esclarecimentos aos que se aprofundam em seu estudo.

### **“Cidadania” desse conceito**

Habitado ao experimentalismo behaviorista ou pós-behaviorista, ou aos quadrantes filosóficos conexos com as teorias freudianas e pós ou para-freudianas, o psicólogo atual talvez se pergunte se uma Psicologia Tomista poderia encontrar direito de cidadania nessa, entretanto, tão aberta ciência.

O contato com os trabalhos de autores recentes como Maurer (1983, 1990), Rodríguez (1991), Stump (1993), Lobato (1994), Marín (1998), Fabro (1999), Menezes (2000), Cruz (2001), Kretzmann (1993, 2002), Kenny (2002), Pasnau (2002, 2003), Echevarría (2004), Andereggen (2005), García-Valdecasas (2005), O’Rourke (2005), Piñeda (2005), McInerney (2006), Velde (1995, 2006), Wippel (2000, 2007), Alarcón (2006, 2007), Faitanín (2008), Gallo (s.d), e outros ainda, poderia ajudar a dissipar tal indecisão.

Além desses, diversos outros estudiosos têm oferecido aportes, diretos ou indiretos, valiosos à Psicologia com base no referencial tomista. Embora não tão contemporâneos quanto os acima referidos, dentro duma esfera de abrangência que inclui o século XX, podemos citar autores como: Farges e Barbedette (1923), Maritain (1923), Bengoetxea (1925), Sertillanges (1940), Allers (1940), Mercier (1942), Barbado (1943), Barros (1945), Collin (1949), Garrigou-Lagrange (1950), Derisi (1956), Bless (1957), Jolivet (1959), Brennan (1960, 1969, 1969), Gardeil (1967), Vernaux (1969), Sciascia (s.d.), Gilson (2002, re-edição) entre muitos outros.

Os que se interessem em conhecer a vastíssima bibliografia sobre São Tomás e sua obra, indicativa do interesse e acatamento que suscitam no mundo acadêmico, poderão encontrar na *Bibliographia Thomistica*, compilada por Alarcón e disponível na internet no site <http://www.corpusthomisticum.org/zbiblia.html>, um manancial quase inesgotável de

referências bibliográficas.

É compreensível, portanto, que a expressão Psicologia Tomista, cunhada por Brennan (1960) como título de um de seus livros, não tenha senão expandido seus foros de cidadania desde então.

### **Princípio e métodos básicos da metodologia**

Delimitados os campos e conceitos que manusearemos, convém recordar agora alguns elementos básicos da ciência que pretendemos analisar.

Segundo Brennan (1969b), uma lei básica da metodologia é partir do fato, aquilo que captamos por meio da experiência imediata, para o princípio que está por trás do fato. Ou seja, partir do mais conhecido e avançar gradualmente para o menos conhecido. Uma vez que consigamos estabelecer um princípio, podemos utilizá-lo como ponto de partida para novas deduções e aprofundamentos. É o processo da análise e síntese. Desse modo, existem dois métodos básicos de estudo:

#### **a) método analítico**

Que progride sucessivamente do particular para o geral visando chegar a uma definição sintética de princípios.

#### **b) método sintético**

Que utiliza o processo inverso, baseando-se nas leis ou princípios descobertos pelo método analítico para deduzir novos dados e novas conclusões.

### **Aplicação dos métodos básicos à Psicologia Tomista**

Como vimos, a Filosofia, por sua natureza, se apóia mais no método sintético e a Ciência, no analítico. Porém, uma vez que ambos são mutuamente úteis, há um constante intercâmbio de aplicação entre os dois.

De acordo com Brennan (1969b), a Psicologia de São Tomás é um feliz exemplo de

equilíbrio na aplicação dos dois métodos. Pois quando trata dos aspectos materiais do objeto de seu estudo, tende mais a utilizar o método analítico-indutivo. E quando se ocupa dos aspectos formais, tende a servir-se do sintético-dedutivo, partindo do já conhecido para atingir novas explicitações.

### **O problema do objeto**

O moderno critério de validade científica para o estudo de um determinado objeto é que o mesmo seja observável por qualquer pessoa que se disponha a fazê-lo adequadamente, e tanto quanto possível livre das inferências subjetivas do pesquisador e do sujeito que está sendo estudado (BRAGHIROLI et al., 2005).

O objeto da Psicologia, para a escola aristotélico-tomista, é aquele explicitado pela própria etimologia do termo: a *psyché*, a alma. Como, porém, aplicar o referido critério para um objeto de estudo que, por definição, não pode ser observado diretamente?

Diante do dilema, alguns estudiosos preferiram erigir como objeto da Psicologia o comportamento estritamente observável (WATSON, 1930; SKINNER, 1964, 1953, 1938), por ser suscetível de experimentação científica. A corrente predominante em nossos dias, entretanto, não é tão estrita, adotando o comportamento, num sentido mais amplo, como seu objeto (BRAGHIROLI et al., 2005).

Sem embargo, quando o estudioso se vê diante de situações incontornáveis, nas quais muitas informações só estão acessíveis por meio de descrições subjetivas, como as que envolvem os sentimentos, os afetos, os estados de humor, pode ser levado a aceitar a combinação dos dados de experiências subjetivas com elementos da observação objetiva. É o que podemos notar em vários dos testes psicológicos existentes hoje em dia, especialmente nos chamados projetivos.

São Tomás, porém, não via necessidade de esquivar-se da questão. Pelo contrário, abordava-a de frente, aceitando como óbvio o fato de o objeto de estudo da Psicologia ser a alma. Como a investigava, contudo?

## O método tomista

São Tomás estudava a alma principalmente por meio da introspecção.

Embora pouco considerada — ou mesmo contestada — por muitos dos psicólogos modernos, a introspecção foi o principal método de estudo adotado nos primórdios da Psicologia.

A metodologia moderna considera a observação como um dos métodos científicos válidos, dividindo-a em naturalista e controlada, juntamente com a experimentação, os levantamentos, os testes e os estudos de casos (BRAGHIROLI et al., 2005). A introspecção é uma variante da observação, consistindo na análise das próprias reações interiores, conscientes ou subconscientes (estas, após treinamento). Pode ser feita tanto de modo naturalista exclusivo como misto ou controlado, segundo Barbado (1943). Não exclui a experimentação e pode ser validamente adotada tanto nos levantamentos e testes, quanto nos estudos de casos.

A razão da particularidade da introspecção é que se trata do único método em que o sujeito e o objeto coincidem. Sua desvantagem é a susceptibilidade às inferências subjetivas. Mas se utilizada com retidão, pode ser uma rica fonte de informações.

Oswald Külpe (1862-1915), considerado por Brennan (1969b) como o primeiro psicólogo moderno a fazer um estudo sobre metodologia, afirma que “o experimento não pode substituir a introspecção em Psicologia, do mesmo modo que não pode substituir a observação em Física” (KÜLPE, 1895, p. 10, apud BRENNAN, 1969b, p. 43). Brennan (1969b, p.42) chega a afirmar que, segundo São Tomás, “a introspecção é o meio mais seguro de acesso aos dados da Psicologia”, e “a ferramenta básica” para obtê-los.

De acordo com Collin (1949, p. 45), podemos definir a introspecção como “um olhar minucioso ao interior de si mesmo para examinar mentalmente um de seus atos e analisá-lo como um objeto distinto”. Não se trata, portanto, de uma tomada de consciência espontânea, mas de uma verdadeira reflexão ou um exame sobre os próprios atos mentais.

Naturalmente, nem São Tomás nem os psicólogos que seguem a orientação tomista desconsideram o valor da observação externa como dos demais métodos científicos, tanto que vários deles se alinham com a Psicologia Experimental, principalmente na primeira metade do século XX (cf. BARBADO, 1943). Mas, como assinala e resume Collin (1949, p. 48), o



método objetivo (no sentido de “não-subjetivo”), apesar de “necessário e fecundo, mutila a Psicologia se pretende ser exclusivo”.

### **Cientificidade do método aristotélico-tomista**

Contudo, não se pode tachar de pouco científico o método tomista, uma vez que ele não só se baseou no aristotélico, mas até o enriqueceu. Como se sabe, Aristóteles de Estagira (384-322 a.C.) é considerado o primeiro filósofo a formular uma doutrina sistemática sobre os processos da vida psíquica e sobre a alma propriamente dita, especialmente nos seus três livros *De Anima*. E é apontado como o primeiro a valorizar a observação, inclusive a introspecção, como metodologia de estudo.

Apesar de alguns autores o considerarem basicamente racionalista (cf. BARBADO, 1943), do ponto de vista metodológico, vários outros o vêem não apenas como iniciador da Psicologia Filosófica, mas também como pai da Psicologia Empírica ou Experimental, embora esta só tenha surgido oficialmente no século XIX.

Com efeito, Barbado (1943) traz em favor dessa tese citações de vários autores, tais como: Soury, Baldwin, Stout, Hoffding, Villa, Dessoir, Dunlap, Ebbinghaus, Külpe, entre outros. Suas declarações vão na linha de que não se pode chamar a Psicologia Experimental de nova pela simples razão de que, como diz Myers (1911, p. 1, apud BARBADO, 1943, p. 99) “o experimento em Psicologia é pelo menos tão antigo quanto Aristóteles”, ou, como afirma Kiesow (1923, p. 214, apud BARBADO, 1943, p.101): “no sistema de Aristóteles encontramos o primeiro tratado científico dos fatos da alma”.

### **Objeções criteriológicas à introspecção**

Em que pesem tantas e abalizadas opiniões, alguém poderia objetar que o método da observação, especialmente quando introspectiva, estará sempre condicionado pelo caráter subjetivo que lhe é intrínseco.

Em outros termos, o indivíduo pode “observar” apenas aquilo que lhe convenha, quer por razões conscientes, quer subconscientes, principalmente quando o assunto diga respeito à

sua subjetividade.

Tal objeção “objetivista”, entretanto, parece carecer de objetividade.

Com efeito, a mesma crítica poderia ser aplicada ao método experimental, ao estatístico ou a qualquer outro instrumental-científico. Pois onde está o ser humano, aí está a subjetividade, revista-se ela do aparato tecnológico que se revestir. Nesse sentido, consta que Churchil teria chegado a comentar, jocosamente, que só acreditava nas estatísticas que ele mesmo falsificava (MANSEL, 2003)...

A exceção, portanto, não invalida a regra. A utilização fraudulenta ou inadequada de um método científico, seja ele qual for, não é pretexto suficiente para invalidar o esforço do conhecimento humano.

Encontram-se ainda outras objeções à introspecção como metodologia de trabalho em Psicologia. Há quem a critique, por exemplo, por não poder ser utilizada em experiências com animais de laboratório, ou com pessoas mentalmente enfermas.

Os que esposam tais ressalvas, entretanto, poderiam levar em conta que a motivação principal da Psicologia Tomista é conhecer a psicologia do ser humano diretamente, tal como ela é. E que os experimentos com animais são realizados, em geral, tendo em vista encontrar evidências que possam servir ao conhecimento da psicologia humana, ainda que por analogia. Como a introspecção é uma via de indiscutível valor para chegar diretamente a este conhecimento, não há porque desprezá-la em privilégio de vias indiretas e analógicas, ainda que estas também possam ter o seu papel

Por outro lado, conhecendo-se com clareza o funcionamento normal e saudável da mente, pode-se compreender melhor os seus processos patológicos. Não há, portanto, porque pressupor que o conhecimento oferecido pela adequada introspecção possa ser de pouca utilidade ao estudo da psicopatologia.

Neste particular, talvez alguns dos objetantes do seu uso em pessoas mentalmente enfermas não cheguem a se dar conta de que a empregam em sua prática clínica psiquiátrica ou psicológica cotidiana. Pois uma boa parte, ou quiçá a maioria das escolas psicoterapêuticas, lança mão de técnicas introspectivas, ainda que com outros nomes, seja nas fases diagnósticas, seja no acompanhamento, seja na avaliação de suas diversas estratégias terapêuticas.

Controvérsias à parte, o fato histórico é que São Tomás se serviu da introspecção, além do raciocínio especulativo, indutivo e dedutivo, como método de trabalho. Se foi feliz ou não em sua escolha, o estudo de suas contribuições à Psicologia poderá ajudar a julgar.

### **Contribuição da Psicologia Tomista à metodologia psicológica**

O fim do presente artigo é analisar apenas uma dessas contribuições, a primeira de uma longa série de outras.

No que consiste ela? Com antecipação de séculos, São Tomás enfrentou o problema da acessibilidade ao objeto da Psicologia acima referido, e o solucionou magistralmente ao adotar como “instrumento de pesquisa” o único disponível e capaz de observar a alma, ou seja, a própria alma.

E não se limitou simplesmente a observá-la. Empregando também o único “instrumental” com capacidade para analisar os dados dessa observação, que é o raciocínio, desenvolveu todo um conjunto de juízos e inferências com base nos dados que coletou.

Embora utilizando um método caracteristicamente medieval, ele empregou a melhor “tecnologia de ponta” disponível para esse estudo específico, ou seja, a própria mente humana, nunca superada, nem mesmo superável, pelos mais avançados computadores.

A introspecção serviu-lhe, portanto, como base e instrumento para a edificação de toda uma estrutura conceitual, hoje conhecida como Psicologia Tomista (BRENNAN, 1960), vastíssimo campo que convida, aos que se interessam pelo comportamento e pela natureza humana que lhe é subjacente, a novas e instigantes investigações.

## Referências

ALARCÓN, Enrique; et alli. **Thomistica 2006: an international yearbook of Thomistic bibliography**. Bonn: Nova et Vetera, 2007.

\_\_\_\_\_. Bibliographia thomistica 2005. **Doctor Angelicus** 6, 301-410. 2006.

ALLERS, Rudolf. **The successful error: a critical study of freudian psychoanalysis**. New York: Sheed & Ward, 1940.

ANDEREGGEN, I.E. Santo Tomás, psicólogo. **E-aquinas** 3/2 (2005) 24-36.

BARBADO, Manuel, O. P. **Introducción a la psicología experimental**. 2. ed. Madrid: Instituto Luís Vives de Filosofía, 1943.

BENGOETXEA, Juan Zaragüeta. **Los rasgos fundamentales de la psicología tomista**. Madrid: 1925.

BLESS, H. **Pastoral psiquiátrica**. Trad. P.M. e A.A. (sic). 3. ed. espanhola ampliada. Madrid: Razón y Fé, 1957.

BRAGHIROLI, Elaine Maria; BISI, Guy Paulo; RIZZON, Luiz Antônio; NICOLETTO, Ugo. **Psicologia geral**. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

BRENNAN, Robert Edward, O. P. **Psicología general**. Trad. Antonio Linares Maza. 2. ed. Madrid: Morata, 1969b.

\_\_\_\_\_. **Psicología tomista**. Trad. Efrén Villacorta Saiz, O. P. Revisão José Fernandez Cajigal, O. P. Ed. atualizada pelo Autor. Barcelona: Editorial Científico Médica, 1960.

CRUZ, Juan Cruz. **Ontología del alma humana**. In: Aquino, São Tomás de. Cuestiones disputadas sobre el alma. Trad e notas Ezequiel Téllez Maqueo. 2. ed. Pamplona: EUNSA, 2001.

DERISI, Octavio N. **Tratado de existencialismo y Tomismo**. Buenos Aires: Emecé, 1956.

ECHEVARRÍA, Martín. F. **Memoria e identidade según Santo Tomás**. 2004. Disponível em: <http://www.rudolfallers.info/echevarria4.html>. Acesso em: 17/11/2008.

FABRO, Cornelio. **Introducción al Tomismo**. Madrid: Rialp, 1999.

FAITANÍN, Paulo S. O papel dos sentidos internos na teoria do conhecimento de Tomás de Aquino. **Aquinate**, v. 6, p. 234-241, 2008.

\_\_\_\_\_. Os sentidos como portas de acesso ao ser, segundo Tomás de Aquino. **Aquinate**, v.6, p. 223-233, 2008.

FARGES, A; BARBEDETTE, D. **Cours de philosophie scolastique**. 12. ed. Paris: Baston, Berche et Pagis Librairies, 1923.

GALLO, Jorge Herrera. **La psicología tomista en la actualidad**. Sem data. Disponível em: <http://www.enduc.org.ar/comisfin/ponencia/102-06.doc>. Acesso em: 17/11/2008.

GARCÍA-VALDECASAS, Miguel. Psychology and mind in Aquinas. **History of Psychiatry**, Vol. 16, n° 3, p. 291-310, 2005.

GARDEIL, Henri Dominique. **Iniciação à filosofia de São Tomás de Aquino**. Trad Wanda Figueiredo. São Paulo: Duas Cidades, 1967.

GARRIGOU-LAGRANGE, Réginald, O.P. **La synthèse thomiste**. Paris: Desclée de Brouwer, 1950.

GILSON, Étienne. **El tomismo. Introducción a la filosofía de Santo Tomás de Aquino**. Trad. Fernando Múgica Martinema. 4. ed. corrigida. Pamplona: EUNSA, 2002.

JOLIVET, Régis. **Curso de filosofia**. Trad. Eduardo Prado de Mendonça. 18. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1990.

KENNY, Anthony. **Aquinas on being**. Oxford: Clarendon Press, 2002.

KRETZMANN, Norman. **The metaphysics of Theism: Aquinas's natural Theology in Summa Contra Gentiles I**. New York: Oxford University Press, 2002.

\_\_\_\_\_; STUMP, Eleonore. (org.). **The Cambridge Companion to Aquinas**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LOBATO, Abelardo. **El hombre en cuerpo y alma**. Valencia: Edicep, 1994.

MANSEL, Bernd. **Enjeux pour la défense des intérêts syndicaux**. Nyon, 2003. Disponível em: [http://www.union-network.org/UNIIBITSn.nsf/0b216cc03f4649f6c125710f0044be29/\\$FILE/FromManufToServF.pdf](http://www.union-network.org/UNIIBITSn.nsf/0b216cc03f4649f6c125710f0044be29/$FILE/FromManufToServF.pdf). Acesso em: 18/9/2008.

MARÍN, António Royo, O. P. **Somos hijos de Dios**. Misterio de la divina gracia. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1977.

\_\_\_\_\_. **Teología de la perfección cristiana**. 5. ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1968.

MARITAIN, Jacques. **Eléments de philosophie, II**. 4. ed. Paris: Téqui, 1923.

MAURER, Armand Augustine. **Being and knowing: studies in Thomas Aquinas and later medieval philosophers**. Toronto: Pontifical Institute of Medieval Studies, 1990.

- \_\_\_\_\_. **About beauty: a thomistic interpretation.** Houston: University of St. Thomas, 1983.
- McINERNY, Ralph M. **Praeambula Fidei: Thomism and the God of the philosophers.** Washington: Catholic University of America Press, 2006.
- MENEZES, Paulo Gaspar de. (2000). **O conhecimento afetivo em Santo Tomás.** São Paulo: Loyola.
- MERCIER, Desiré Joseph. **Curso de filosofía – psicología.** Buenos Aires: Anaconda, 1942.
- O'ROURKE, Fran. **Pseudo-Dionysius and the metaphysics of Aquinas.** Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2005.
- PASNAU, Robert. **Theories of Cognition in the Later Middle Ages.** Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Thomas Aquinas on human nature.** Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- PIÑEDA, María Andrea. **El impacto de la Psicología Neoescolástica Experimental en Argentina, a través de libros de psicología de circulación en el país: 1935-1965.** 2005. Disponível em: <http://fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos08/pineda02.htm>. Acesso em: 17/11/2008.
- SERTILLANGES, Antonin-Gilbert, O. P. **La philosophie de S. Thomas d'Aquin.** Paris: Aubier, 1940.
- SKINNER, Burrhus Frederic. Psychology: a behavioral reinterpretation – 'man'. **Proceedings of the American Philosophical Society**, 108, 1964, p. 482-485.
- \_\_\_\_\_. **Science and human behavior.** New York: MacMillan, 1953.
- \_\_\_\_\_. **The behavior of organisms: an experimental analysis.** New York: Appleton-Century-Crofts, 1938.
- SCIASCIA, Ugo. **Psicologia dell'apostolato.** Roma: Coletti, s.d.
- RODRÍGUEZ, Victorino, O.P. **Los sentidos internos.** Barcelona: PPU, 1993.
- VELDE, Rudi Te. **Aquinas on God: the divine science of the Summa Theologiae.** Aldershot: Ashgate, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Participation and substantiality in Thomas Aquinas.** Trad A. P. Runia. Leien: Brill, 1995.
- VERNAUX, Roger. **Filosofia do homem.** Trad. Cristiano Maia e Roque de Aniz. São Paulo: Duas Cidades, 1969.
- WATSON, John Broadus. **Behaviorism.** Ed. revisada. Chicago: University of Chicago Press, 1930.

WIPPEL, John F. **Metaphysical themes in Thomas Aquinas II**: studies in philosophy and the history of philosophy. Ed. revisada. Washington: Catholic University of America Press, 2007.

\_\_\_\_\_. **The metaphysical thought of Thomas Aquinas**: from finite being to uncreated being. Washington: Catholic University of America Press, 2000.